25-8-78

Hélio contra a censura ao general Mourão Filho.

Hélio Silva no Sul, defendendo Mourão Filho

PORTO ALEGRE (Sucursal) — O escritor Hélio Silva disse ontem que a tentativa de impedir a publicação do livro de memórias do general Olímpio Mourão Filho, por iniciativa da filha deste militar, Dona Laurita, "se constitui numa grave ameaça ao retorno da censura prévia no Brasil". O juiz da 12.ª Vara Cível, José Loureiro Ferreira, onde está tramitando o caso, já determinou que a LePM editores ficasse como depositária dos originais enquanto forem apresentadas as manifestações das partes interessadas.

O escritor chegou ontem a Porto Alegre para manter entendimento com o advogado Antônio Pinheiro Machado Neto que está cuidando do caso. Na quarta-feira, dona Laurita deu entrada na Justiça gaúcha com o pedido de impedimento da publicação das memórias do general, que segundo Hélio Silva, faz um amplo relato sobre o movimento de conspiração no Exército no período que antecedeu a Revolução de 1964.

Ele disse que recebeu os originais do livro das mãos de Mourão Filho, que fez a doação sob a promessa de que fosse publicada, para contar a verdade sobre os bastidores da revolução militar. "No caso do impedimento dessa publicação, teremos o restabelecimento da censura através das memórias de um homem que fez tudo pela democracia, e que seria a remissão dos erros políticos que tenha cometido em sua vida".

Mas o advogado Pinheiro Machado Netto não desejava de reconhecer que mesmo estranhando o procedimento de dona Laurita querendo impedir a publicação do livro com as memórias do pai, afirma que ela agiu pelo caminho certo. "Embora à primeira vista possa surpreender, o caminho correto é o da Justiça. Dentro de poucos dias teremos a resposta. Eu temia que a coisa se desencadeasse a nível de legislação de exceção, que eles recorressem a esse método".

Ele disse que a decisão do juiz é provisória e pode mudar, mas enquanto isso está sendo providenciada a documentação que será apresentada em defesa do autor e da editora, pois de acordo com o Código Civil, basta a entrega do móvel a outra pessoa para que seja caracterizada a doação. Além disso, Pinheiro Machado contará com diversos documentos comprovando a amizade antiga entre Hélio Silva e o general Mourão, fato que servirá — também — como justificativa para a doação do material.

Hélio Silva afirmou que não sabe quais os motivos pelos quais dona Laurita estaria querendo impedir a publicação do livro. "Ela não sabe nada do livro, não tinha conhecimento da existência do livro e até agora não manifestou o menor interesse em conhecer o texto integral". Acrescentou que a publicidade que ela está fazendo é de tal maneira descabida que já me perguntaram se se tratava de uma campanha publicitária — desde que ela pleiteia receber proventos do livro — se ela pretendia fazer com isso uma campanha promocional. Quero que fique claro que eu não uso desse processo e nunca usei na minha vida de escritor. E se ela está fazendo isso para aparecer pela primeira vez no jornal, eu não tenho nada com isso".

Dona Laurita, segundo os comentários em Porto Alegre, teria receio de desagradar certos setores governamentais, principalmente pelo fato de ela ser funcionária do Governo na embaixada brasileira de Nova York. Existem rumores, também, de que durante a sua permanência em Porto Alegre teria ficado hospedada na casa do Comandante do 3.º Exército, general Samuel Alves Corrêa, fato que não chegou a ser comprovado. "Essa suposta solidariedade com o Governo não era o espírito do seu pai, pelo menos nos últimos tempos", disse Hélio Silva.

O escritor afirmou que as memórias contam a história da Revolução de 1964, "de um homem sofrido, injustiçado que terá agora a primeira oportunidade de reabilitação social, e e por isso que estamos batendo para que não se estabeleça uma mordaça sobre um cadáver, e não se impeça que o homem que deflagrou o movimento armado de 1964 seja impedido de falar. Eu sou um velho campeão da liberdade de imprensa e não desejo que quando morrer, minha filha, meus netos ou bisnetos, por conveniências desta ou daquela natureza, censurem o que eu escrevi".

Hélio Silva afirmou que seu relacionamento com o general Mourão Filho começou em 1959, quando publicou na "Tribuna da Imprensa" os trabalhos "Lembrai-vos de 37" e "Rapsódia em Cinco Atos" e que depois foram transformados nos livros: "1937: Todos os Golpes se Parecem" e "1938: Terrorismo em Campo Verde". Nessa ocasião ele teve que tratar do Estado Novo e era peça indispensável para a implantação da ditadura militar o chamado plano Cohen?

"E eu que faço pesquisa com honestidade tinha que ouvir o indigitado autor do Plano Cohen, Olímpio Mourão Filho. Ele me contou a verdadeira, história do Plano Cohen, ele foi encarregado pelo chefe nacional do integralismo, Plínio Salgado, de elaborar um plano para estudo, uma tese do que seria um movimento comunista de subversão da ordem pública no Brasil. Ele fez esse trabalho que era apenas uma tese para discussão, para estudo e mostrou ao general Mariante, seu padrinho e antigo comandante".

Hélio Silva continua contando que "o general Mariante entregou o trabalho ao general Pedro de Góis Monteiro, chefe do Estado-Maior do Exército, que se apropriou do plano e levou ao presidente da República, Getúlio Vargas, dizendo que o Estado Maior havia apreendido o plano comunista. A base desse documento, que era assim falsamente apresentada por eminentes militares da Marinha e do Exército não havia Aeronáutica naquele tempo, exigiam do Congresso a decretação do estado de guerra, eles obtiveram desgraçadamente que o Congresso , sem conhecer o plano, que era secreto, louvando-se na palavra dos chefes militares, decretasse o estado de guerra, que foi a preparação para a implantação do Estado Novo, e a criação do estado totalitário , oficialmente proclamado a 10 de novembro de 1937, mas que foi realmente instalado ou decidido numa reunião de generais a 27 de setembro do mesmo ano.

O historiador disse que Mourão Filho ficou naturalmente apavorado com a aplicação do seu trabalho, reclamou de Plínio Salgado, que o desaconselhou a falar. O general Góis Monteiro era muito poderoso, e por isso carregou por 15 anos essa acusação.

Hélio disse que não sabe quais as possíveis repercussões políticas que a publicação das memórias possam ter atualmente. E leu o prefácio feito pelo próprio general Mourão Filho: "Senti que era meu dever escrever este livro para restabelecer a verdade, para destruir os falsos e inúmeros heróis, a começar por mim próprio, que não cometi nenhum heroismo, assim como falsos chefes da Revolução. Confio na justiça".

A precisão de uma mestra do abstracionismo

IVO ZANINI

O menos que se poderia dizer de Yolanda Mohalyi é que ela foi uma artista inteiramente voltada para a sua arte.

Sensível e empenhada e numa busca constante para alcançar estágios ainda mais profundos que aqueles que conseguiu, com virtudes, a pintora anteontem falecida após enfrentar tenaz enfermidade, evidenciou ao longo de suas atividades que não aceitava as soluções improvisadas. A trilha encetada o demonstra sem qualquer resquício de dúvida.

Cada composição elaborada por Yolanda Mohalyi serve como prova de que jamais buscou recursos indevidos para atingir a meta que a si própria determinou. Foi sempre autêntica na sua realização maior na arte. De certa forma, e por isso mesmo, o rumo abstracionista que imprimiu com admirável vigor ao seu trabalho poderia levá-la a algumas facilidades, a cometer abusos.

Mas a artista de origem húngara nunca se valeu de artifícios, jamais deixou de ser fiel ao que se propusera realizar. Batalhou como um físico em busca da fórmula ideal para coroar sua pesquisa ou o compositor erudito que não admite falhas na música criada após extenso tempo de meditação e inspiração. A pintura teve o mesmo condão para Mohalyi. No silêncio do seu ateliê, no Sumaré, transpunha para as grandes telas o mundo imaginário da ação informal. Para cada elemento, uma enorme preocupação. Nada extemporâneo. Pincefadas precisas, sim. E assim iam surgindo as grandes formas, os volumes harmoniosos, o rigoroso equilíbrio das cores, a obra em toda a sua magnitude.

Em sua casa, nos encontros fortuitos em Museus e galerias, até mesmo pelas ruas, a artista que dedicou à pintura quase cinquenta dos sessenta e nove anos que viveu, manifestava sempre alguma preocupação com o trabalho que estava realizando. Não em relação a sua efetiva concretização, mas ao tempo, à superação de certos obstáculos.

— Estou sempre pintando. Minha vida é no ateliê. O artista necessita estar em permanente atividade — dizia Mohalyi, justificando seu intenso labor entre cavaletes, tintas e pincéis.

É sempre foi assim. O que de resto justifica sua presença constante em algumas das mais destacadas manifestações de arte, daqui e do exterior. Tanto que participou de quase todas as Bienais de São Paulo, dos Salões Nacional e Paulista de Arte Moderna, dos principais salões brasileiros, da Europa e EUA.

Há dois anos ela teve uma retrospectiva no Museu de Arte Moderna de São Paulo, com cerca de quatrocentas obras, possibilitando uma visão generosa do que produzira até então. Foi uma oportunidade rara, uma excepcional ocasião para avaliação em conjunto dos caminhos seguidos pela artista. Quem percorreu e analisou a mostra concluiu que lá estava o trabalho fecundo de uma verdadeira operária da arte, que não se intimidara em optar, na década de 1950, por um outro tracado, deixando lentamente a figura pelo informalismo.

Com Yolanda Mohalyi morre também um pouco mais da composição abstracionista brasileira que, de alguns anos para cá, sofre defasagem de alguns daqueles que pareciam realmente seus fiéis seguidores. Porque a artista que as nossas artes acabam de perder nunca manifestou apreensão ou timidez com relação à vereda que escolheu para seguir. Ao contrário, seu universo girava justamente na direção de novas conquistas dentro do informalismo, da qual foi mestra verdadeira.

"Menina", de 1948, antes de sua opção pelo abstracionismo.

"Mercado da Bahia, de 1954, técnica mista.

"Signo Preto", de 1971, a liberdade total das formas.

A morte de Yolanda Mohalyi

A pintora Yolanda Mohalyi, de 69 anos de idade, faleceu anteontem em São Paulo após longa enfermidade, e foi sepultada às 16 horas no Cemitério Gethsemani.

Ela nasceu na cidade de Kolozsvar, Capital da Transilvânia, Hungria, hoje denominada Clus na Romênia. Estudou na Escola Livre de Nagygania e depois na Real Academia de Belas Artes de Budapest. Veio para o Brasil em 1951, onde se naturalizou, tendo se ligado em São Paulo ao Grupo formado por Di Cavalcanti, Antonio Gomide e Carlos Prado. Participou do CAM, Clube dos Artistas Modernos, que segundo o crítico e historiador Paulo Mendes de Almeida "desempenhou na vida cultural e artística da cidade um papel de maior relevância".

Em 1934 expôs pela primeira vez no Salão Paulista de Belas Artes. A partir dessa época trabalha na figuração marcada fortemente pelo expressionismo.

Seus quadros retratam a vida humilde e cenas circunstanciais cotidianas. Sempre houve grande empenho da artista em se engajar na cultura da terra, adotando-a mais pela cumplicidade da sensibilidade que pela naturalização que a tornou cidadã brasileira. Em 1956 realiza na Galeria Ambiente, em São Paulo (fechada em 1964) uma mostra individual de pinturas que anunciam decididamente um novo percurso plástico sedimentado pela pesquisa abstrata. •

Em 1959, configurada como um dos mais expressivos artistas abstratos do País, recebe na Galeria das Folhas (atual saguão de entrada da Empresa Folha de São Paulo) o prêmio Leiner, e em 1963 conquista o prêmio de "Melhor Pintor Nacional" na Bienal de São Paulo.

De 1934 a 1976 (grande retrospectiva realizada no MAM de São Paulo) participou de exposições individuais no Brasil e no estrangeiro. Suas obras estão nos museus nacionais e nos da Alemanha, EUA, França, Grécia, Inglaterra, Itália, Japão e México.

Cerca de 12 prêmios coroam a obra da artista que recebeu estudos de diversos historiadores e críticos de arte tanto do Brasil como do estrangeiro.

A abstração de Yolanda Mohalyi não contém resíduos geometrizantes marcados pelo racionalismo. A artista elabora em seus quadros um mundo visível de imagens coloridas, translúcidas e vivas porque o toque de sua mão sobre a tela vem da pura sensorialidade. Ela cria uma poética de cores e formas amalgamadas intrinsecamentele tal maneira que as figuras abstratas passam a coexistir com identidade própria no mundo, que comumente chamamos de real.

Yolanda Mohalyi, desde que invadiu o mundo abstrato, entre o paralelo delimitador do materialismo e da fantasia. Suas telas são poemas coloridos compostos por signos tonais de tensa vibração sonora. Ela criou uma sinfonia pictórica, delicada, doce, cândida e definidora de sua trajetória como artista.

(RA)

Um depoimento inédito

Por ocasião da excelente retrospectiva de Yolanda Mohalyi no MAM de São Paulo a área de Artes Plásticas do Centro de Pesquisas do Departamento de Informação e Documentação Artísticas da Secretaria de Cultura da Prefeitura de São Paulo, grava um depoimento (inédito até agora) dia 17 de setembro de 1976, no qual ela deixa transparecer seu receio de morrer.

"A Diretoria do MAM de São Paulo me pediu para fazer a exposição. Logo depois da retrospectiva de Di Cavalcanti D. Diná Coelho quis fazer uma mostra dos meus trabalhos. Eu adiei porque fiquei com muito medo da retrospectiva. Até o último dia eu tive medo. Adiei muitas vezes até que Joaquim Bento Alves de Lima antes de morrer me disse: — Agora você não escapa mais — E aí comecei a me preparar para a grande retrospectiva."

Seguem-se trechos do diálogo travado entre Yolanda Mohalyi e a pesquisadora Sonia Prieto que realizou a gravação para o Centro de Pesquisas:

YM — Reconheço que não há artista que não teve influência no começo da carreira. Segall foi muito imporante no início de meu trabalho como artista. A técnica dele era de mestre, ele possuía uma técnica muito especial para a pincelada. Adotei essa mesma maneira de pintar. Depois larguei. Certas formas que ele criou como das mãos grandes também naturalmente me influenciaram em diversos trabalhos.

SP — Houve influência de outros artistas na sua obra?

YM — Não. Quando cheguei aqui vi quase tudo como Gauguin. Chegando da Europa para viver num país tropical, fiz um quadro que me assustou um pouco. Foi um impacto muito grande.

SP — Quais as temáticas constantes na fase figurativa?

YM — Tive muita preocupação social. Até hoje me interesso mais pela gente humilde, com o meio circundante e com a expressão deles. Prefiro-os aos de níveis sociais mais altos. Desenhei muito casas humildes. No Anhangabau havia uma favela e casas grandes cheias de gente doente de miséria. Trabalhei no meio deles, desenhei, pintei, andei na rua olhando dentro dos bares. Isso tudo existe... Fora de São Paulo só a natureza me interessou. Em São Paulo havia bastante motivação para esse tipo de tema. Tinha e tem ainda, infelizmente. A Bahia é o centro mais autêntico do Brasil. Há colorido, gente suave e aqueles pescadores...

SP — E a Bienal?

YM — É da máxima importância porque a Bienal realmente propiciou e incentivou muita gente para a pesquisa. É formidável ver grandes artistas importantes como Picasso, Léger e Vieira da Silva. Os africanos e italianos também. Fontana e Ben Nicolson exerceram muita influência no Brasil. Na primeira Bienal a pintura americana era bem antiga. Os quadros eram enormes, meio surrealistas, meio realistas. Eram horríveis. Depois deles tomaram mais respeito pela Bienal de São Paulo e mandaram coisas melhores. A gente não lembra dos nomes mas isso é interessante... Segall me disse uma vez que ele também se esquecia de nomes. Quando ele foi para os EUA, perguntou a um psicologo sobre a falta de memória relativa a nomes e me disse: — Veja, gente criativa nunca teve memória boa. O psicologo me consolou.

SP — Como chegou ao abstracionismo?

YM — Quando já se pesquisou a cor e o pitoresco, o impressionismo e o expressionismo é natural que se fique saturado deles. Comecei a abstrair as formas porque não me satisfiz com uma interpretação. Abstraí e não queria ser abstrata. Pensei não poder resolver esse problema. Depois vendo Piero Della Francesca na Itália resolvi que o nosso figurativo não é certo. O figurativo partiu da figura como elemento dentro da pintura... como uma proposição de pintura, como se fosse natureza morta. Não atribui mais à figura a integridade, o sentimento que a Renascença justamente descobriu no Homem.

SP — Como se sentiu diante do abstracionismo na Europa?

Yolanda no seu ateliê.

YM — Em 56, descoberta do abstracionismo foi multissimo importante, realmente. Larguei totalmente a figura. Meu abstracionismo é lirico, expressivo e procura elementos universais. Não há uma atitude somente intelectual como se vê nos concretos. O abstracionismo não trata somente da composição. Procuro ser expressiva e lirica porque nasci com ele. Houve épocas que procurei estudar amarrom e o azul. Na cor desenvolvi uma serie de trabalhos com essas experiências tonais porque queria chegar até o fundo das gamas. Pesquisei todas elas dentro de uma mesma cor. Cinzas por exemplo... trabalhei uma variedade enorme deles.

SP — De que época para cá a forma é mais importante?

YM — De 60 a 68 procuro realmente a forma. Tento revolver o problema cor/forma, que não é separada. Há sempre uma lei matemática ou geométrica em tudo. Sinto que há uma lei inclusive na tela, que a rege. Há um sistema.

SP — O artista percebe essa lei por intuição?

YM — O artista é intuitivo. Mas o equilíbrio da obra se manifesta nela própria.

SP — Entre os pintores abstratos qual aquele que mais lhe agrada?

YM — Gosto mesmo no Brasil dos abstratos... são Ianelli, principalmente Maria Leontina, Mabe, Charoux, Iberê Camargo, Maria Polo e Ivan Freitas.

SP — Qual a tendencia artística que mais aprecia?

YM — A arte que constrói e que mostra alguma coisa bela da vida. Não sonhemos aquelas proposições que entristecem a gente. Creio nos jovens e no que fazem...

Dias úteis

Direto.

Salvador
09:00 19:30
Reservas: (071)-245.5090

São Paulo
07:00 21:30
Reservas: (011)-241.8462/240.4247

Mais um serviço exclusivo da Transbrasil, a maior frota Boeing 727 da América do Sul.

Informe-se sobre o nosso serviço permanente de crédito: Transcred. Consulte seu agente de viagem.

TRANSBRASIL
Brasil é com a gente